

EDITORIAL

NO 10 DE JUNHO

Dr. Antônio Gomes da Costa

Não mudam as posições, mudam apenas os momentos. Hoje, como no ano passado, como há 50 anos, como há um século, os portugueses do Brasil e os luso-descendentes reúnem-se neste templo camoniano, ou noutra qualquer altar da Pátria, para evocar, com orgulho e fervor, a Epopeia de nossos maiores. Não o fazem para cumprir uma liturgia desprovida de conteúdo e vazia de simbolismo. Nem para mostrar simplesmente as raízes étnicas ou as origens culturais. Fazem-no por impulso e de forma espontânea, como se ouvissem, na própria alma, um grito de portugalidade e esse grito os conduzisse para qualquer lugar, não importa se entre os igarapés da Amazônia, ou nos descampados gaúchos, desde que haja um busto de Camões, ou um mapa quinhentista dos Descobrimentos, ou a bandeira de Portugal, ou as marcas e alegorias de um povo. Não se procure outro motivo para isso senão o gostar de Portugal – e o gostar muito de Portugal.

De uns, porque nasceram do outro lado do atlântico, pelo berço e pela nacionalidade, até se poderia cobrar deles a devoção; de outros, entretanto, diríamos que se vêm cultivar Camões e as glórias lusitanas, já o fizeram, não por compromisso, mas porque sentem que na construção e grandeza deste país não foi pequeno o contributo daqueles que desde 22 de abril de 1500, quando a armada de Pedro Álvares Cabral chegou a Porto Seguro, até às levas da emigração mais recente, souberam apostar e investir sem cansaço e sem parcimônia no seu progresso e na sua projeção no mundo.

Costumamos dizer que o Dia de Portugal no Brasil é celebrado de modo diferente. Primeiro, é diferente se compararmos os procedimentos. Qual-

quer outra “data nacional” comemora-se com uma recepção na embaixada do país, ou com um “vin d’honneur” nos consulados. Há cumprimentos diplomáticos e saem as notas nas colunas sociais. Com Portugal, já não é assim. Também o Senhor Embaixador recebe o corpo diplomático e as autoridades brasileiras em Brasília; também os agentes consulares abrem os salões para o tradicional “Porto de honra”. Em todas as partes do mundo não se vai além disso. Mas no Brasil, no Dia de Portugal, toca-se mais perto o coração do povo, nas associações canta-se o “lausperene” da luso-brasilidade, mistura-se gente simples aos senhores de bandeira e de pendão, emigrantes humildes brasileiros ilustres, para, todos juntos, evocarem Ourique e Aljubarrota, o Infante de Sagres e a História trágico-marítima, a Restauração e a vinda de D. João VI, o sonho do mapa cor de rosa e o levante dos republicanos da Rotunda. Neste Real Gabinete ou nas Casas de Portugal em tantos Estados do Brasil há uma celebração diferente. E se hoje já não acontece o mesmo que acontecia nos anos 30, quando havia empresas que dispensavam mais cedo os trabalhadores portugueses para virem assistir à sessão solene, no Dia de Portugal, em compensação, nas Câmaras dos Vereadores e nas Assembléias Legislativas não faltam as noções e os registros pela efeméride camoniana.

A outra diferença nestas comemorações está no fato de que no Brasil entranhou-se de tal forma o culto ao Poeta e a ele se ligou a própria essência da portugalidade que tivemos em determinados momentos uma primazia e um papel que surpreenderam o próprio Portugal. Lembremos, por exemplo, os anos que precederam – e os que seguiram – ao tricentenário da morte de Camões. O país esvaia-se em crises. A propaganda republicana explorava as mazelas do regime. Os vencidos da vida escarpelizavam uma sociedade que não tinha forças para reagir e as instituições caíam de podres. As potências mundiais, na Conferência de Berlim, não escondiam o seu interesse nas colônias da África. O embaixador de Sua Majestade em Lisboa entregava o ultimato e exigia a retirada dos portugueses das terras de Gungunhana. Estourava o escândalo do tabaco e os déficits da Coroa eram cada vez maiores. Satirizavam-se as homenagens a Camões com os “cortejos do bacalhau” a passar, sob as janelas engalanadas, nas ruas da baixa lisboeta. Pois em oposição a esse ambiente de decadência e de desânimo que tomava conta do país inteiro, no Brasil as comemorações camonianas, por parte da colônia portuguesa, atingiam um brilho extraordinário. Fazem-se edições riquíssimas de “Os Lusíadas”; lança-se a pedra fundamental deste edifício que vai transformar-se, como dizia Joaquim Nabuco, em “Os Lusíadas” em pedra de lioz, trazida especialmente para sua construção das jazidas de além-mar; promovem-se récitas nos teatros com a presença do Imperador; recordam-se os grandes vultos da História de Portugal. E enquanto junto ao Tejo as divergências ideológicas e a mesquinhez política eram reduto-

res das comemorações do tricentenário da morte do Poeta, no Brasil o patriotismo da colônia levava-a a escrever uma das páginas mais emocionantes de sua História.

Mais tarde, na década de 30, retoma-se a celebração do Dia de Portugal. Todos os anos, em 10 de junho, Presidentes da República ou Ministros de Estado, diplomatas e professores, mestres da Universidade e intelectuais de renome, de um e do outro lado do oceano, vêm a esta tribuna para louvar os nossos Maiores. Nunca falhamos na oblação à Mãe-Pátria e mesmo quando se pretendeu momentaneamente confundir o Dia de Portugal e negar-lhe o debruço camoniano, foi daqui que partiu a reação e contra a apostasia de alguns, que amaldiçoavam o passado e tinham vergonha dos legados recebidos, continuamos fiéis ao calendário cívico – por Portugal, por Camões e pela Grei.

É nesse contexto que hoje celebramos as glórias, os heróis, os valores e as conquistas de um povo. E fazemo-lo não apenas para reverenciar o passado e enaltecer os protagonistas; e fazemo-lo não apenas para lembrar o esforço e as lutas de uma nação que para se manter livre na meseta hispânica teve, em determinada altura, de sair para desbravar mares por navegar e construir o Império; e fazemo-lo não apenas para cantar as armas e os varões assinalados – mas, sobretudo, para arrancar dos impulsos da História a certeza de que todos os sonhos e todas as aspirações coletivas estão ao nosso alcance. Ontem, eram as ameaças de Castela ou a tarefa sobre-humana da ocupação e do povoamento das terras descobertas; eram os falhanços das *élites* e as desavenças internas; eram os desatinos da administração e a falta de vontade para as mudanças. Mas Portugal venceu e superou-se a si próprio. Hoje, pode ser a ameaça de uma integração europeia a comprometer parcelas crescentes da soberania; pode ser a invasão de culturas e a influência dos países ricos a atingir a própria identidade nacional. Mas, não temos dúvidas em afirmá-lo, que Portugal será sempre vencedor e mesmo se um dia, num formato europeu em que se queira diluir as pátrias, viermos a correr o risco de perder os valores da portugalidade, que hoje consideramos essenciais, os portugueses terão sempre, na vertente atlântica e no Brasil, a razão do milagre para, como no poema de José Rego, dizerem – *por aí não vamos. Nós vamos por aqui.*
